Configurações, vol. 9, 2012, pp. 15-36

A profissionalização da Sociologia e o uso dualístico das Ciências Sociais

Telmo H. Caria[*]
Filipa César[**]
Raquel Biltes[***]

Resumo

O objectivo deste artigo é, no fundamental, o de debater as relações entre teoria e prática no trabalho científico e profissional em Sociologia, mostrando que este debate carece de teorização adequada. Em consequência concebe-se o esboço de uma proposta sobre o tema que parte da hipótese de uma dualidade entre os processos simbólico-dedutivos e os processos prático-experienciais de acção social. Com este objectivo o artigo está organizado em dois subtemas:

— as oposições entre Sociologia e Serviço Social, quando aplicadas ao trabalho social no terceiro sector
— o debate em Sociologia sobre os processos de profissionalização em Ciências Sociais (CS)

No primeiro subtema apresentaremos algumas hipóteses de interpretação a partir de um estudo empírico sobre o tema, onde se põem em evidência as oposições e as aproximações entre o trabalho profissional de sociólogos e de assistentes sociais neste sector. Com base nestas hipóteses desenvolvemos no

[*] Professor de Sociologia e Ciências Sociais do Departamento de Economia, Sociologia e Gestão da Universidade de Trás-os-Montes e Alto-Douro. Investigador do CIIE da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (tcaria@utad.pt) e investigador associado do CICS, UM.

[**] Licenciada em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, mestre em Educação pela Universidade do Porto. Actualmente é bolseira de investigação no projecto FCT-SARTPRO: Saberes, Autonomias e Reflexividade no Trabalho Profissional do 3.º Sector (filipa.cesar@gmail.com).

[***] Mestre em Comportamento Desviante e da Justiça pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Actualmente é bolseira de investigação no projecto FCT-SARTPRO: Saberes, Autonomias e Reflexividade no Trabalho Profissional do 3.º Sector (raquel_biltes@hotmail.com).

Configuracoes 9.indb 15 09-05-2013 16:39:06

segundo subtema algumas das contribuições da Sociologia em Portugal para o debate sobre as relações teoria-prática nos processos de profissionalização das Ciências Sociais, tanto na profissão académica como nas profissões fora da academia.

Palavras-chave: Ciências Sociais, profissionalização, Sociologia, Serviço Social, teoria e prática.

1. Introdução

As propostas de reflexão que fazemos rejeitam em geral a dicotomia teoria-prática, mas reconhecem e conceptualizam a existência de uma dualidade entre os processos e saberes simbólico-dedutivos que orientam a análise da realidade e os processos e os saberes prático-intuitivos que orientam a intervenção nas situações de trabalho, sendo que ambos contêm a teoria e a prática, simultaneamente. Como mostramos no final, o problema da dualidade dos saberes ainda fica em aberto, porque continuamos demasiado dependentes de uma problematização que está centrada na razão teórica.

A bibliografia sobre o tema das relações entre teoria e prática tem décadas e desdobra-se em inúmeros contributos disciplinares de natureza científica. A julgar pela diversidade e quantidade de literatura científica existente seria esperado que o tema tivesse uma problematização teórica nas Ciências Sociais mais estável e rigorosa. Podemos dizer que nos sentimos em grande medida insatisfeitos com a forma demasiado fragmentada com que o assunto tem sido tratado nas Ciências Sociais[1]. Esta insatisfação tem-se mantido e tem acompanhado a carreira académica de um de nós (Telmo Caria) em Ciências da Educação, em Sociologia e em Ciências Sociais e mais recentemente na investigação sobre o Trabalho Social. Em todas estas áreas de conhecimento temos sido confrontados com diferentes modalidades de discussão e de análise de dados sobre o tema, que, do nosso ponto de vista, têm sempre ficado aquém das necessidades teóricas da investigação empírica dos últimos 15 anos, quando um de nós (Telmo Caria) se começou a dedicar ao tema do trabalho e do saber profissional (Caria, 2000; 2007; 2010a).

O tema parece ser demasiado complexo e as soluções encontradas para lidar com o mesmo parecem ser demasiado simples. As propostas para fundir os termos da relação centradas, por exemplo, nos conceitos de *praxis*, *teoria prática* ou de *prática teórica* parecem revelar-se insuficientes. O poder e o conhecimento na nossa sociedade separam a teoria da prática e a prática da teoria nas mais diversas formas; dicotomia que, julgamos, não poderá ser resolvida apenas por ajustamentos espontâneos e por actos bem-intencionados ou apenas por enunciados e argumentos retóricos.

[1] Sem o diálogo interdisciplinar necessário e quase sempre centrado numa epistemologia que se organiza preferencialmente a partir do conhecimento académico.

Para evitar simplificações analíticas e redundâncias teóricas, pretendemos com este artigo situar a análise do tema teoria-prática no debate que tem sido feito em Sociologia em Portugal sobre as modalidades de profissionalização das Ciências Sociais, tomando como ponto de partida a investigação empírica que está em curso sobre o trabalho social profissional, comparando sociólogos com assistentes sociais.

Este objectivo não é compatível, pela sua extensão, com uma revisão geral de literatura sobre o assunto da relação entre teoria e prática, embora seja de salientar que existem contributos epistemológicos e teóricos, de várias origens disciplinares, que tiveram uma influência decisiva naquilo que apresentaremos de seguida, especialmente aqueles que supõem um primado da prática sobre a teoria, e que para isso se inspiram em orientações fenomenológicas[2], não reduzindo a actividade sóciocognitiva apenas a um problema de relações de poder (Geertz, 2001; de Fornel & Quéré, 1999; Polanyi, 2009; Vygosky, 1987; Bourdieu, 1972; Schutz & Luckman, 2003; Schon, 1983; Goody, 1988; Olson, 1994).

O esboço de proposta sobre o tema que fazemos neste texto rejeita em geral a dicotomia teoria-prática, mas reconhece e conceptualiza a existência de uma dualidade entre os processos e saberes simbólico-dedutivos que orientam a análise da realidade e os processos e os saberes prático-intuitivos que orientam a intervenção social, sendo que ambos contêm a teoria e a prática, simultanea-mente.

2. Teoria e prática no trabalho social em Sociologia e em Serviço Social

Para quem está envolvido, em Portugal, na educação formal superior de assistentes sociais e tem desenvolvido investigação sobre o trabalho social, está habituado a ouvir considerações abstractas variadas sobre as relações entre a Sociologia e o Serviço Social, as quais geralmente procuram salientar a distinção e mesmo a oposição entre ambas. Esta oposição é um bom exemplo do que importa criticar e compreender quanto à génese e à forma que a dicotomia teoria-prática pode assumir em Ciências Sociais quando aplicada ao trabalho social.

O modo mais rudimentar e estereotipado de descrever e legitimar a oposição entre estas duas áreas de conhecimento é o de apresentar a Sociologia como centrada na ciência e na teorização dos enquadramentos e constrangimentos do trabalho social e, simultaneamente, apresentar o Serviço Social como centrado na aplicação de conhecimentos e na prática da profissão de trabalho social. Em benefício desta oposição simplista entre as virtudes teóricas de uma e as virtudes profissionais de outra, é comum os mais ortodoxos defensores desta oposição afirmarem que:

[2] Estes três princípios também orientaram um outro trabalho - este sim de revisão da literatura - sobre *culturas profissionais*, e que julgamos ter algumas afinidades com o tema deste artigo, pelo que sugerimos em complemento a sua leitura, (cf. Caria, 2008).

Configuracoes 9.indb 17 09-05-2013 16:39:06

— a Sociologia seria o melhor exemplo de Ciência Social, porque seria a mais capaz de entender e analisar de modo integrado a multidimensionalidade da realidade social nas suas facetas, simultaneamente materiais, económicas, simbólicas, culturais e políticas, podendo assim mais facilmente ultrapassar as limitações individualistas ou naturalistas do senso comum profissional na explicação dos fenómenos sociais.
— o Serviço Social seria o melhor exemplo de aplicação das Ciências Sociais (CS) porque conseguiriam suplantar as divisões disciplinares artificiais e abstractas existentes, dado que, para a maior eficácia do trabalho social, os assistentes sociais seriam aqueles que melhor formação teriam para integrar diferentes conhecimentos científicos e disciplinares das CS e para saber operacionalizá-los no terreno.

Este modo de apresentar as duas áreas de conhecimento pode ser considerado, hoje, em Portugal, como pouco consensual, fundamentalmente por razões empíricas:

— existem cada vez mais sociólogos que trabalham ao lado de assistentes sociais realizando, em conjunto, trabalho social em actividades sem propósitos académicos;
— existem cada vez mais assistentes sociais que desenvolvem actividades com propósitos académicos quando associam a sua actividade docente de formação em serviço social com a actividade de investigação não directamente ligada à eficácia da intervenção profissional.

Fruto desta progressiva coexistência, as duas áreas de conhecimento parecem estar cada vez mais em competição directa no mercado de trabalho.

No âmbito do projecto de investigação, em curso, FCT-SARTPRO[3] – realizado pelo grupo de investigação ASPTI[4] –, sobre o trabalho e o saber profissional no Terceiro Sector baseado em Ciências Sociais, é possível colocar algumas

[3] Projecto concebido em 2008, como proposta de investigação submetida a financiamento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), que veio a ser aprovado em 2009 e iniciado o seu financiamento em Fevereiro de 2010 [PTDC/CS-SOC/098459/2008]. Trata-se de uma parceria de investigação entre três centros de investigação universitários portugueses - CIIE Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (Telmo H. Caria, Margarida Silva, Berta Granja e Fernando Pereira), CICS do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho (Ana Paula Marques) e CETRAD da Escola de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Isabel M. Costa e Armando Loureiro) - a que foi associada a Universidade Federal da Bahia do Brasil. Tem ainda a consultoria externa da Professora Julia Evetts da Universidade de Notthingam e da Professora Susana Durão da Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

[4] Grupo informal de investigadores em *Análise Social das Profissões em Trabalho Técnico-Intelectual* (ASPTI) com origens disciplinares e institucionais variadas, criado em 2002 por Telmo H. Caria e localizado no norte de Portugal. Desde 2007 que o grupo ASPTI está sediado no CIIE (Centro de Investigação e Intervenção Educativas da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto) com a denominação de *Núcleo de Etnografias do Conhecimento Profissional* (NECP).

Configuracoes 9.indb 18 09-05-2013 16:39:06

hipóteses sobre tendências de profissionalização relativamente a ambas as formações académicas[5].

As assistentes sociais entrevistadas tendem a assumir tarefas com uma vertente mais interactiva, em contacto directo com os utentes e respectivas famílias, como sejam as visitas domiciliárias e todo o atendimento de triagem e de informação, actuando preferencialmente através das tarefas de diagnóstico e de contratualização com as famílias que passam pela interacção social e pelo trabalho de terreno. É possível encontrar, nestas profissionais, um *ethos* profissional pautado por uma motivação para "ajudar pessoas" que remonta ao início da sua carreira académica. Simultaneamente, a importância atribuída a "instrumentos", a "recursos" e a "respostas sociais" enquanto ferramentas a operacionalizar no apoio aos utentes é também bastante comum, ao ponto de a sua ausência ser percepcionada como um entrave ao exercício das suas funções; a título de exemplo, a extinção de alguns subsídios atribuídos pelo Estado ou a inexistência de apoios em algumas das áreas possíveis de intervenção extinguem quase por completo a sua capacidade de actuação e, consequentemente, essa motivação inicial, levando-as a optar pela especialização em outras áreas de intervenção ainda na licenciatura.

Já as sociólogas, não obstante terem desenvolvido no início da sua carreira profissional ou desenvolverem ainda actividades em contacto directo com a população utente, tendem a procurar uma carreira que evolua para cargos de coordenação, supervisão ou chefia, dedicando-se, a partir daí, preferencialmente, ao trabalho de gestão de projectos e respectivas equipas, às relações interinstitucionais e às tarefas de diagnóstico e planeamento que não exigem uma relação tão directa com os utentes. Esta posição permite-lhes manter uma visão mais abrangente das suas funções e da instituição em que trabalham e, concomitantemente, encarar a sua licenciatura como uma base, um início de formação que foi e deve ser complementado com outras formações complementares, académicas ou não, que lhes permitem obter ferramentas de índole mais aplicado para exercer as suas funções (por exemplo, formação em Qualidade ou em Gestão de Projectos).

Olhando para o conjunto das entrevistas, estas tendências parecem poder ser reconfiguradas no que se refere ao mercado de trabalho e à estrutura das organizações. No que diz respeito ao mercado de trabalho, algumas das entrevistadas parecem cientes da suposta competição directa entre várias licenciaturas em ciências sociais para as mesmas actividades e tarefas. No entanto, referem

[5] As tendências empíricas aqui apresentadas foram recolhidas através de entrevistas semi-estruradas sobre as trajectórias profissionais de 20 trabalhadores sociais do terceiro sector, com educação formal superior baseada principalmente em ciências sociais e humanas, todos do sexo feminino, com idades entre 25 e 40 anos e distribuídos por 20 organizações sem fins lucrativos, de modo equilibrado por três zonas sócio-geográficas (eixo Vila Real-Chaves e Bragança; grande Porto e eixo Braga-Famalicão-Guimarães) do norte de Portugal. Para mais informação sobre a metodologia desenvolvida, bem como sobre os saberes profissionais dos entrevistadores em contexto de trabalho académico (assunto directamente relacionado com o tema tratado neste artigo), cf. Caria *et al.* (2012).

Configuracoes 9.indb 19 09-05-2013 16:39:06

frequentemente que, nas organizações em que desenvolvem a sua actividade, cada elemento na equipa tem tarefas que lhe são específicas, assim como uma visão / postura própria perante os acontecimentos decorrentes da sua formação académica e que a presença de uma multidisciplinaridade de saberes é uma "mais-valia" na análise, avaliação e resolução de problemas do seu quotidiano profissional.

Nas organizações de maior dimensão, cada profissional parece ter tarefas muito específicas e bem delineadas, não havendo lugar a sobreposição de funções, enquanto em organizações mais pequenas a formação de base dos técnicos nem sempre está directamente ligada a uma determinada tipologia de funções e as tarefas já são mais partilhadas; nos gabinetes de RSI (Rendimento Social de Inserção), por exemplo, directamente dependentes da tutela da Segurança Social, a divisão e atribuição de tarefas estão perfeitamente definidas, enquanto em instituições menos dependentes desta ou outras tutelas vemos as mesmas funções serem exercidas por pessoas com formações de base distintas.

De acordo com estas orientações, parece que os sociólogos podem reivindicar serem aqueles que têm maior legitimidade para melhor pensarem o trabalho social, pois afirmam-se pelas actividades que mais evidenciam o domínio simbólico do trabalho social, tirando partido do facto de terem por base uma disciplina científica bem consolidada e institucionalizada em Portugal e de esta já ter servido como base para múltiplos processos de profissionalização no trabalho social. Os assistentes sociais parecem afirmar-se mais pelo domínio prático-experiencial do trabalho social, tirando partido da sua acrescida experiência de terreno e do conhecimento institucional dos meandros do trabalho social para melhor usar/potenciar o eclectismo da sua formação académica multidisciplinar. Por outro lado, a sua progressiva institucionalização científica em Portugal poderá vir a garantir-lhes a legitimidade de poderem reivindicar serem aqueles que melhor agem no trabalho social.

No entanto, importa não esquecer, e de acordo com os dados recolhidos no âmbito do Projecto SARTPRO, que estas disputas não se circunscrevem apenas a estes dois grupos profissionais. Os profissionais com licenciaturas na área da Educação (Educação Social, Ciências da Educação e Animação Sociocultural) e na área da Psicologia também são parte importante das equipas técnicas que realizam trabalho social e, portanto, também são protagonistas deste jogo de disputas de legitimidade para esta actividade.

Em resumo, a clássica separação entre teoria e prática no uso do conhecimento reproduz-se no trabalho social quando se trata de pensar a diferenciação da profissionalização de sociólogos e de assistentes sociais. A simples oposição entre, por um lado, ciência-teoria e, por outro, profissão-prática, transforma-se numa disputa sobre saber quais os melhores processos de legitimação dos saberes profissionais em trabalho social (Costa, 2004: 50), nomeadamente:

— a profissionalização de natureza dedutiva – que tende a ocorrer com os sociólogos e que garantiria o domínio simbólico da actividade –, que parte dos enunciados e das competências de base monodisciplinar e científica para uma experiência profissional fora da academia múltipla e plural do ponto de vista funcional;
— a profissionalização de natureza intuitiva – que ocorreria com os assistentes sociais e que garantiria mais facilmente o domínio prático da actividade –, que parte da experiência acumulada e profissional fora da academia, de construção de competências e conhecimentos aplicados variados para actividades de elevado grau de especificidade e restrição funcional, procurando em paralelo um melhor e mais convergente fundamento científico.

Poderíamos dizer que a legitimação simplista de oposição entre teoria-Sociologia e prática-Serviço Social é substituída por um dualismo sociocognitivo mais sofisticado, entre saber quem tem o melhor domínio simbólico e/ou o melhor domínio prático da actividade de trabalho social. Esta interrogação é transformada num conflito de legitimidade sobre as virtudes de aceder ao trabalho social através de uma via mais dedutivo-simbólica (a que depois se junta experiência) ou através de uma via mais prático-experiencial (que em paralelo procura aplicar conhecimentos das CS e intuir princípios colectivos e abstractos de acção para o trabalho social). Assim, a concepção de um ideal-tipo de dissociação entre dois processos de profissionalização pode ter o efeito perverso de legitimar, sob novas formas, um dualismo entre teoria e prática reflectido na separação dicotómica entre estas duas áreas de conhecimento, não ajudando por isso a fazer coexistir e dialogar a dualidade de modalidades de saber profissional efectivamente existentes.

Para podermos melhor perceber as possibilidades que existem de quebrar o dualismo sociocognitivo entre teoria-Sociologia e prática-Serviço Social, importa ir mais fundo na análise dos processos de profissionalização da Sociologia e no modo como estes têm sido concebidos na reflexão sobre o tema no nosso país. Como este objectivo, iremos de seguida deter-nos, principalmente, em duas contribuições pioneiras, dos anos 80 do século passado: as contribuições de António Firmino da Costa sobre a relação entre ciência e profissão na Sociologia, e as contribuições de José Madureira Pinto sobre a reflexividade científica em Sociologia, designada por este como racionalismo alargado.

Como veremos de seguida, estas contribuições ajudam a perceber melhor as razões da separação entre Sociologia e Serviço Social e as oposições simplistas entre ciência-teoria e profissão-prática no trabalho social e, mais em geral, no trabalho intelectual fora e dentro da academia. Mas não chegam, como veremos, a problematizar inteiramente a dualidade de saberes que existe entre um uso simbólico-dedutivo e um uso prático-intuitivo do conhecimento.

Configuracoes 9.indb 21 09-05-2013 16:39:06

3. Ciência, profissão e prática em Sociologia

Os escritos de António Costa começam por pôr em evidência a existência de duas culturas profissionais entre os sociólogos (Costa, 1988):

— uma cultura de dissociação entre ciência e profissão, típica do académico (professor e investigador universitário), que entende que só se poderá designar como sociológica a actividade de investigação ou outras actividades directamente associadas (por exemplo, a docência universitária ou a consultoria sobre políticas públicas);
— uma cultura de associação entre ciência e profissão que parte para a descoberta e invenção da Sociologia fora da academia, concebendo os enquadramentos teóricos e metodológicos como possíveis ferramentas sociocognitivas para intervir na potenciação da mudança social e não apenas na análise das formas institucionais ou das determinações estruturais da vida social.

Este autor, no entanto, não se limita a identificar as duas culturas profissionais em presença. Opta, claramente, por rejeitar a cultura que mais opõe a teoria à prática, indicando a sua preferência por um desenvolvimento da Sociologia que associe ciência e profissão para fora da academia. Do nosso ponto de vista, torna claro que, para uma melhor potenciação do valor de cada uma das dimensões da Sociologia (ciência, docência e profissão), será conveniente:

— não correr o risco de anular as fronteiras existentes, apostando numa reciprocidade de ajustamentos e recusando, portanto, tanto a subordinação da investigação e do ensino apenas às solicitações do mercado ou às exigências das políticas públicas, como a pretensão de ignorar o impacto do mercado e das políticas públicas nas opções de investigação e ensino (Costa, 1988: 112-117);
— não negar a componente ético-deontológica da Sociologia, incluindo nela formalizações que serão úteis à profissão, no que se refere às exigências de construção relacional do conhecimento e de desenvolvimento de um pensamento crítico sobre as cristalizações convencionais e institucionais da vida social (Costa, 1988:115);
— não esquecer que a ciência é a base principal a partir da qual se desenvolvem as outras dimensões (ensino e profissão) e, portanto, só faz sentido falar de uma profissionalização da Sociologia fora da academia se ao mesmo tempo o universo científico e as práticas de investigação da Sociologia tenderem a permanecer como a referência principal da profissão (Costa, 2004: pp.35-53).

Em síntese, Costa dá-nos uma contribuição valiosa para melhor perceber as origens da oposição entre a Sociologia e o Serviço Social. Ela está fundada numa cultura de dissociação entre ciência e profissão, pois só a ausência de reflexão sobre a contribuição da ciência para o trabalho profissional é que poderá explicar a ortodoxia, que inicialmente expusemos no início da secção 1, de associar o trabalho intelectual apenas à investigação e inversamente as aplicações profissionais das CS apenas à prática, no caso a prática do trabalho social.

A cultura de associação entre ciência e profissão, defendida por Costa, está contida num dos textos mais eloquentes sobre o lugar dos sociólogos na empresa, da autoria de Manuel Seca Ruivo, no final dos anos 80 do século passado, num momento em que a Sociologia dava os seus primeiros passos em Portugal para conseguir sair da Universidade. Segundo este autor, para que a Sociologia se pudesse profissionalizar nas empresas ela teria de ter suficiente influência na gestão das organizações para que o sistema sociocultural da empresa pudesse ser considerado nas decisões empresariais sobre custos, investimentos e produtividade do trabalho. Havia, segundo este autor, a necessidade de construir um discurso sociológico não académico que conquistasse, por pequenos passos, as direcções das empresas para as virtudes da Sociologia na procura empresarial de eficácia organizacional contra o fayolismo e o taylorismo e apostado na valorização das competências dos trabalhadores menos qualificados e na democratização dos processos de trabalho (Ruivo, 1987).

Mais recentemente, em 2004, Ana Maria Brandão dá-nos nota da persistência da dissociação entre ciência e profissão, quando refere que ao nível da docência universitária a continuada prevalência do método expositivo no ensino da Sociologia faz com que a maioria dos licenciados em Sociologia que hoje saem da Universidade ainda tenham uma concepção de que as Ciências Sociais são dificilmente operacionalizáveis, sentindo-se por isso demasiado distantes para responder às competências exigidas pelo mercado de trabalho extra-académico (Brandão, 2004:12-13). Esta conclusão leva-nos a pôr a hipótese de que existe uma cultura académica na Sociologia que não quer ajudar a pensar e a implementar os processos de recontextualização profissional das Ciências Sociais (Caria, 2002).

4. A implicação da profissionalização na função de analista simbólico

Pensamos que esta persistência decorre do facto de a própria cultura profissional de associação ciência-profissão pressupor que o trabalho profissional do sociólogo se circunscreve a uma actividade aprofundada de diagnóstico, análise e aconselhamento à decisão organizacional, equivalente ao trabalho de um analista simbólico ou perito (Machado, 1996:46-48), capaz de produzir dados-realidade a partir de processos de trabalho que sobrevalorizam os conhecimentos de natureza

dedutivo-simbólica que têm que provir, inevitavelmente, do pólo da ciência, da relação teoria-prática.

Os dados empíricos que apresentámos na secção anterior, relativos ao facto de as sociólogas procurarem na sua carreira assumir cargos mais próximos da área decisional, põem em evidência que, para além de uma crítica que se possa fazer à cultura de dissociação ciência-profissão, os "sociólogos profissionais" só parecem adquirir uma "boa consciência" da sua identidade social quando ocupam ou lutam por ocupar estes lugares funcionais[6]. Não só para exercerem as competências técnico-operacionais de investigação, mas também para colocarem no terreno competências de mediação, negociação e articulação de saberes, sempre essenciais a uma boa gestão de recursos humanos embora também sempre vistas na dependência da actividade de investigação académica, ou já aplicada enquanto analistas simbólicos (Carreiras *et al.*, 1999).

Assim, é reproduzida uma suspeita sobre o exercício da "sociologia profissional" que não se apoia, no fundamental, na ciência sociológica, pressupondo que inevitavelmente a sociologia será instrumentalizada pelas direcções das organizações quando aos sociólogos não é reconhecido um perfil funcional de analista simbólico: a única defesa que os sociólogos têm contra a instrumentalização só poderia advir da ciência, porque supostamente ela poderia preservar o pensamento crítico das ideologias (cf. Freire, 2008: 192/3). Esta poderá ser uma boa hipótese de investigação, mas que, até ao momento, parece-nos ter sido principalmente enunciada como uma crença para reforçar o seu espírito corporativo e legitimar o poder simbólico dos sociólogos na nossa sociedade. Os dados recolhidos por Odile Piriou sobre as representações sociais que os "sociólogos práticos" têm sobre o envolvimento na profissão em França mostram quanto estes estão aculturados por esta crença académica corporativa (Piriou, 2006: 61-97).

A explicação para esta limitação na reflexão sociológica é ensaiada por João Sedas Nunes, quando se refere aos virtuais interditos na reflexão sobre a docência universitária em Sociologia, e os atribui a um efeito de posição dominante (Nunes, 1999). Parafrasendo uma frase deste autor - agora para o caso da omissão sobre o questionamento da função de analista simbólico, que aliás vem ao encontro daquilo que já foi referido por Telmo Caria na sua reflexão autobiográfica sobre o uso académico da Sociologia no centro e na periferia dos campos das Ciências Sociais (Caria, 1999; 2000: 7-25) - poderemos afirmar que: "o simples agir em escola [em ciência] produz o efeito mágico e eufemizador, colectivamente produzido e ratificado pelos actores escolares [pelos actores científicos], de tornar altamente improvável pensar em desacordo com

[6] O desconforto e o lamento por não se ocupar funções de analista simbólico, ou equivalente, é muito comum serem proferidos nas palavras dos "sociólogos todo o terreno", nos Encontros sobre a Profissão de Sociólogo, organizados pela APS. Este diagnóstico também parece ser salientado na recensão de João Teixeira Lopes (publicada na *Análise Social*, nº156, 2000, pp.823-826) ao livro de Carreiras *et al.* 1999.

o pensamento de escola [com o pensamento académico], verdadeira expressão da crença colectiva que ampara e legitima *in actum* toda a acção escolar [toda a acção académica]" (Nunes, 1999: 112).

Assim, a possibilidade de combater o dualismo teoria-prática supõe, segundo Costa, ajustamentos recíprocos entre ciência-teoria e profissão-prática que parecem depender principalmente de um dos pólos da relação: a profissão vai-se ajustando à ciência, porque a Sociologia seria capaz de modificar as procuras sociais externas à academia, dado o lugar de perito e de analista simbólico que se pressupõe que o "sociólogo profissional" ocuparia nas organizações em geral.

A recusa do dualismo e da dissociação entre teoria-ciência e profissão-prática, bem criticado por Costa, corre o risco de se transformar num pressuposto (não provado) de ajustamento automático entre teoria-prática, que faz depender a segunda, a prática profissional do sociólogo, apenas de um melhor domínio simbólico-dedutivo da realidade, do ideal-tipo de profissionalização fundado no trabalho do analista simbólico e, portanto, dos conhecimentos e competências desenvolvidos, principalmente, a partir da investigação académica.

Em consequência, o raciocínio inverso de análise, do impacto da profissionalização na investigação académica (por exemplo, para modificar prioridades e agendas de investigação, para fomentar práticas de interdisciplinaridade, para mudar planos de estudos e para exigir uma maior formalização dos dispositivos técnicos, etc) parece ter sempre um lugar residual ou subalterno nos argumentos de Costa relativamente à profissionalização da Sociologia e ao uso social das Ciências Sociais pela sociedade. A profissionalização da Sociologia é sempre vista unilateralmente da ciência para a profissão (nunca o inverso) e, em consequência, o conhecimento usado no trabalho profissional é sempre apresentado como accionado apenas por via de uma modalidade dedutivo-simbólica de saber.

Compreende-se as limitações da perspectiva desenvolvida, porque a maioria destes textos são datados (dos anos 80 e 90 do século XX) do início da reflexão sobre profissionalização da Sociologia para fora da Universidade. Mas quando olhamos para o texto de António Costa, de 2004, (já referenciado atrás) no essencial é reafirmada a mesma perspectiva, ainda que com preocupações mais actualizadas de desenvolver estágios e itinerâncias que aproximem a educação formal superior dos contextos de trabalho extra-académicos dos sociólogos. Como contraponto desta orientação veja-se, na mesma obra de 2004, a contribuição de Carlos Fortuna, onde se apela a uma descanonização dos saberes como forma de se poder inventar um pensamento mais adequado à acção nas sociedades de risco, de hoje (Fortuna, 2004: 95-101).

José Madureira Pinto, num texto mais recente, de 2007, critica uma visão excessivamente convencional das relações entre problemas e práticas sociais e problemas e práticas sociológicos, que designa de sociologismo teórico-científico,

referindo a existência de bons exemplos de associação entre política, ciência, profissões e movimentos sociais que – como refere, na linha do debate internacional sobre a *public sociology* proposto por Michael Burawoy, e sem diluir a autonomia relativa do trabalho científico - nos ajudam a melhor pensar as relações de ajustamento, nos dois sentidos, entre teoria-ciência e prática-profissão. E mais genericamente, todo o uso social que pode ser dado às Ciências Sociais (Madureira Pinto, 2007:100-108), que, do nosso ponto de vista, evitam pressupor uma visão unilateral da teoria-ciência para a profissionalização e para a prática social.

Como sabemos, têm sido feitas em Portugal outras propostas que também vão no mesmo sentido: por exemplo, a de explorar e problematizar as zonas de fronteira (e de eventual fusão) entre os campos científicos das Ciências Sociais e os campos político e/ou mediático de uso social das Ciências Sociais (Santos, 1999; Nunes, 2001; Silva, 2006). Nesta perspectiva a nossa interpretação sobre o conceito de *senso comum esclarecido,* enunciado por Boaventura Sousa Santos (1989), pretende dar conta das possibilidades que existem de reconciliar a razão teórica e dedutiva com outras razões e poderes simbólicos e outras formas de consciência discursiva que podem promover a cidadania. No entanto, na orientação que seguimos, procuramos explorar a autonomia relativa do campo profissional (incluindo nele a actividade académica) e portanto queremos salientar a diferença de análise e acção que existe entre o uso social e cidadão da ciência e o uso profissional da mesma ciência nas organizações de trabalho.

Misturar todas estas dimensões de uso da ciência e de desenvolvimento da razão teórica num debate demasiado geral, que não saliente a especificidade dos campos profissionais de uso da ciência, parece-nos ser uma má opção, a que procuramos fugir.

5. O hiato teoria-prática na ciência

A principal contribuição de José Madureira Pinto, como veremos de seguida, parte da questão, deixada em aberto, sobre as relações entre o domínio simbólico e o domínio prático da Sociologia na própria actividade científica e no próprio processo de profissionalização do sociólogo como cientista social e profissional da academia. Só partindo deste questionamento é que podemos deixar de pensar a profissionalização dentro de uma análise unilateral e de ajustamento automático da teoria para a profissão, contrariando o modelo de analista simbólico.

Este autor parte de uma visão epistemológica sobre as Ciências Sociais que é assumidamente anti-empiricista e, portanto, crítica do positivismo metodológico (Madureira Pinto, 1984), a saber:

— contesta-se a neutralidade dos processos de observação e inquirição social, evidenciando-se o papel construtivo da teoria social (*a teoria principal da investigação*) para, com base no património de conhecimentos de uma dada disciplina, elaborar hipóteses de análise, construir meios e recursos técnico-metodológicos para descrição dos objectos de pesquisa empírica e produzir/evidenciar novos conhecimentos científicos de explicação/compreensão da realidade social;

— alerta-se para o risco de, nas abordagens científico-racionalistas mais restritas, se poder cair no teoricismo e, em consequência, esquecer-se o hiato que tende a existir entre a linguagem da teoria e a linguagem da pesquisa empírica, isto é, entre a formalização de hipóteses e problemas abstractos de investigação e a demonstração argumentativa e factual da sua adequação à realidade social.

Este hiato tem uma relação directa com o problema que pretendemos tratar, o do dualismo sociocognitivo entre o dedutivo-simbólico e o experiencial-prático. Assim, de um dos lados do hiato temos, segundo Madureira Pinto, a linguagem da teoria, que se pode traduzir no domínio simbólico que um dado investigador tem dos problemas teóricos que o identificam como parte de uma dada disciplina científica. Do outro lado do hiato temos a linguagem da pesquisa empírica que está associada ao domínio prático das operações e procedimentos (prática metodológica) que permitem seleccionar, recolher e organizar informação (quantitativa e/ou qualitativa) da realidade social.

A saliência que se pode dar ao lado empírico e prático da prática da ciência está geralmente associada à conotação desta dimensão do trabalho científico com o trabalho artesanal. Neste quadro - a exemplo do que faz Ana Nunes de Almeida, num texto de 2004 - esta dimensão da ciência é conotada com a descoberta, a criatividade e o desafio que a realidade coloca à razão científica (Almeida, 2004:19), não se reconhecendo por isso que se pode estar em presença de um outro saber, diferente da razão teórica.

Pelo contrário, o valor da contribuição de Madureira Pinto está no facto de através desta ideia de hiato se poder reconhecer que pode existir uma dualidade de saberes em presença. Uma dualidade dentro do domínio dedutivo-simbólico do trabalho profissional, entre o simbólico e o prático da teoria, que sem se oporem, não têm necessariamente uma coexistência pacífica ou uma tradução automática. Assim, do nosso ponto de vista, Madureira Pinto, na busca de pistas de solução para este hiato, propõe (Madureira Pinto, 1985a, 1985b):

— recusar a sua naturalização, contrariando o formalismo teórico que pelo contrário tende a legitimá-lo;

— recusar as soluções indutivistas (que o subjectivismo teórico-metodológico tende a apresentar[7]), porque desvalorizadoras do papel da teoria social para se poder objectivar a reflexividade acerca dos saberes que estão contidos no domínio prático da metodologia da pesquisa empírica;
— aceitar que a pesquisa empírica tem uma dinâmica não planeada que pode promover opções técnico-metodológicas improvisadas, ainda que orientadas e limitadas pela problemática da investigação;
— aceitar que as contribuições da etnometodologia, do interaccionismo simbólico e da antropologia social poderão ser relevantes para entender processos intersubjectivos de pesquisa empírica, desde que articuláveis com a análise das relações de poder que estão contidas nas trocas simbólicas que ocorrem em situação e em contexto de actividade.

Também Augusto Santos Silva, num texto de 1987, sobre a profissionalização da Sociologia em organizações de desenvolvimento local, põe em evidência o hiato que ocorre entre teoria e prática da profissão fora da academia. É certo que enfatiza este hiato para sobrevalorizar, também ele, o papel da teoria social e dos sociólogos nos projectos de desenvolvimento local e assim para evidenciar as limitações dos saberes práticos e experienciais de assistentes sociais e animadores culturais. Mas apesar disso não deixa de referir que as relações entre o domínio simbólico e o domínio prático da profissão não são automáticas (Silva, 1987):

— o saber prático e experiencial dos animadores do desenvolvimento local não permite por si só gerar teoria sem que esteja associado a um ensino explícito do conhecimento em Ciências Sociais;
— a posse de conhecimento científico sociológico não garante a competência para saber intervir no desenvolvimento local pois, por um lado, o trabalho dos sociólogos como agentes de desenvolvimento não se deveria reduzir ao trabalho de gabinete, de análise e diagnóstico (o trabalho do analista simbólico) e, por outro lado, aos sociólogos faltam conhecimentos de outras Ciências Sociais, também essenciais à animação do desenvolvimento local.

A proposta de Madureira Pinto para lidar com o hiato implica conter na razão teórica o improviso dos processos de investigação, remetendo a teoria social para o desempenho de um outro papel na investigação: o de ser auxiliar à superação do hiato *(teoria auxiliar da investigação)*, na medida em que procura objectivar e reflectir sobre as condições e processos sociais que limitam e

[7] Será conveniente não confundir indutivismo com raciocínio indutivo. Procurando ser fiel ao texto deste autor, poderíamos dizer que o indutivismo absolutiza o raciocínio que vai do micro e do particular para o geral e o abstracto, partindo do pressuposto de que não existem postulados ou proposições gerais, já previamente construídos, inscritas na nossa experiência particular e subjectiva das coisas.

Configuracoes 9.indb 28 09-05-2013 16:39:07

potenciam as opções técnico-metodológicas usadas para construir dados empíricos que sejam relacionáveis com as hipóteses e problemas de partida[8].

Do nosso ponto de vista, defende-se um outro uso para a teoria - que não é apenas o uso formalista que procura ritualizar a metodologia ou naturalizar o hiato teoria/empiria – que melhor saiba dialogar com o saber prático-experiencial do investigador, capaz de ajudar a improvisar quando as dinâmicas imprevistas e urgentes do terreno o impõem. Assim, o hiato entre o domínio dedutivo-simbólico e o domínio experiencial-prático da investigação em Sociologia faz parte integrante dos problemas científicos a resolver pelos sociólogos-cientistas na actividade de investigação. Contrariamente ao que é sugerido por Costa (2004: 53-59), não é garantido que o ajustamento ciência-profissão seja resolvido pelo accionamento das competências científicas/reflexivas às situações concretas da profissão ou que seja um problema marginal, não propriamente científico, apenas relativo à experiência profissional acumulada extra académica.

Assim, a suposta vantagem dos sociólogos – de acrescido domínio teórico do trabalho social face aos assistentes sociais –, resultante de partirem para a profissionalização com uma "caixa de ferramentas teóricas" mais aperfeiçoada que os assistentes sociais, não parece estar garantida. O acrescido domínio simbólico-dedutivo dos sociólogos sobre a realidade tropeça no hiato, nem sempre bem resolvido, entre a teoria e a prática científicas, tal como os assistentes sociais tropeçam no hiato entre as exigências práticas da actividade de trabalho social e a falta de consolidação científica do domínio simbólico da mesma actividade.

6. A inversão do estilo de uso da teoria no trabalho profissional

Apesar destas considerações, pensamos que as contribuições, que descrevemos, de José Madureira Pinto e de António Costa para a análise das relações da teoria-prática nas Ciências Sociais são em grande medida complementares. Ambos têm em comum o mesmo pressuposto: uma grande auto-suficiência da teoria e das modalidades simbólico-dedutivas de conhecer para explicar o essencial do que ocorre na prática e para orientar o essencial do que é exigido na prática profissional, académica ou não. Costa convoca os saberes simbólico-dedutivos da Sociologia para pensar apenas a profissionalização na actividade extra-académica. Madureira Pinto também convoca os mesmos saberes mas, através do seu racionalismo alargado, não parece querer ignorar da análise os espaços sociais de profissionalização na investigação científica e na actividade académica.

Os dois autores distinguem-se no facto de o primeiro pressupor um ajustamento recíproco e espontâneo do domínio simbólico da realidade para o domí-

[8] O papel de objectivar e de racionalizar a Relação Social de Investigação (RSI), como temos salientado e conceptualizado noutros trabalhos (Caria, 1999; 2002a).

nio prático da acção, enquanto que o segundo entende que esse ajustamento da teoria para a prática carece de problematização, porque tem presente os riscos de teoricismo: pode existir uma continuada tensão entre o que se julga já saber e que orienta a prática da investigação e o que a prática de terreno faz surgir como inesperado – resultante do objecto não ser passivo face à prática profissional, de investigação ou outra -, incapaz de ser ajustado às teorias vigentes e que exige a reformulação dos modelos de análise/intervenção, ainda que num primeiro momento não se tenha um discurso para o formular como novo problema (Caria, 2007)

Em consequência, Madureira Pinto formaliza a existência de um hiato entre o simbólico-dedutivo e o prático-experiencial mas, fiel ao pressuposto que partilha com Costa sobre a auto-suficiência da teoria, volta a convocar apenas a razão teórica para resolver o problema, não colocando a hipótese de existência de uma dualidade entre as duas formas de conhecer. No entanto, no âmbito estrito da razão teórica, julgamos que a proposta de Madureira Pinto não deixa de ser interessante para analisar os estilos diferenciados de uso da teoria (e consequentemente de profissionalização da Sociologia) quando se compara a actividade de investigação académica e a actividade profissional extra-académica, designadamente a de trabalho social, a saber:

> — a teoria que explica a realidade social – e que desempenha o papel principal na investigação científica (*teoria-produto*) – torna-se auxiliar do trabalho social quando este tem que diagnosticar em geral os problemas sociais com que é confrontado, sendo que esta tarefa tende a ficar aquém das necessidades do trabalho social, porque para este não basta saber aplicar conhecimentos à realidade, é preciso saber intervir;
> — a teoria que é auxiliar na investigação científica (*teoria-contexto*), torna-se principal no trabalho social de intervenção nos problemas sociais, porque a reflexividade que se tem sobre a intersubjectividade nos processos e contextos de investigação pode ser facilmente transposta para melhor pensar as possibilidades e os limites de ocorrerem, nos processos de interacção com as pessoas, mudanças de atitudes, de práticas e de concepções quando se intervém.

Assim, aquilo que é a finalidade da investigação (produzir conhecimentos sobre a realidade: *teoria-produto*) torna-se um meio para o trabalho social (aplicar conhecimentos gerais à realidade). E aquilo que é um meio para a investigação (pensar os processos e as metodologias: *teoria-contexto*) torna-se o fim do trabalho social (interagir com as pessoas numa escala micro de análise).

Com base neste raciocínio comparado, podemos então dizer que, no âmbito do domínio simbólico-dedutivo do trabalho social, é possível criar

condições para superar os dualismos entre sociologia-ciência e o trabalho social-profissão se se reconhecer que em ambas as actividades profissionais existe um estilo diferente de uso da teoria (como meio e como fim), funcionando de um modo invertido:

— na actividade de investigação os processos de interacção com as pessoas são determinados pela produção de conhecimento numa escala mais geral;
— na actividade de trabalho social os processos de intervenção com as pessoas, ao nível da escala micro, determinam os conhecimentos gerais que podem ser usados.

Inevitavelmente esta nova colocação do problema da relação da teoria científica com a prática profissional tem duas consequências:

— afastamo-nos de uma conceptualização do trabalho profissional que o reduza à actividade do analista simbólico e do perito, ao considerarmos que a interacção social com os utentes de serviços é parte integrante (e com efeitos específicos) da profissionalização da Sociologia e das Ciências Sociais em geral (Caria, 2011a);
— as competências que podem ser aprendidas pelo uso da teoria na investigação não funcionam por si só (descontextualizadas do conhecimento científico), quando são accionadas em situação profissional, e, assim, como não existem competências sem saberes (cf. Perrenoud, 2001), importa perceber que saberes existem em situação, que permitem reactivar (ampliar e transformar?) as competências já existentes por via do uso da teoria.

Em síntese, a nossa hipótese é a de que a teoria social pode ter um uso dual, profissional e/ou académico, que não é equivalente em ambas: na academia a teoria tem como centro produzir e validar novos conhecimentos sobre a realidade do trabalho social, sendo a actividade no terreno acessória e auxiliar; na profissão a teoria social tem como centro saber agir no terreno, tendo como actividade acessória e auxiliar saber aplicar os conhecimentos já produzidos.

Julgamos que se tomarmos como centro de análise os processos de profissionalização dos cientistas sociais dentro da academia estaremos em condições de mais facilmente perceber a associação entre ciência e profissão de uma forma bilateral, incluindo para o efeito a aprendizagem do domínio prático da profissão de investigador. O trabalho etnográfico de investigação do grupo ASPTI sobre o trabalho e saber profissional tem-se mostrado ser uma boa via para contextualizar empiricamente este debate (Caria, 2011b, 2012b; Caria e Silva, 2012).

Configuracoes 9.indb 31 09-05-2013 16:39:07

7. A dualidade dos saberes: um problema em aberto

A reflexão que tem sido feita em Portugal sobre os processos de profissionalização da Sociologia e, portanto, sobre as possibilidades de articular teoria e prática em Ciências Sociais, tem-se desenvolvido nos limites da razão teórica, permitindo apenas um melhor entendimento sobre o uso plural e interdisciplinar da teoria social. Dentro destes limites, desenvolvemos o conceito de estilos de uso do conhecimento para dar conta das zonas de fronteira entre os campos científicos das Ciências Sociais e os campos profissionais de uso social das mesmas ciências (Caria, 2002).

Mas é preciso ir mais longe: ir mais além do que ter uma consciência discursiva e contextualizada da prática social! Assim, julgamos que será preciso procurar uma abordagem mais ampla do uso do conhecimento, que não o restrinja apenas ao uso cidadão da Ciência e à função de analista simbólico e perito (Collins e Evans, 2007; Collins, 2010), e ir ao encontro das considerações de Stephen Turner, de procurar contribuir para que a teoria social dialogue com as ciências cognitivas (Turner, 2007). Mais especificamente, com base em contributos da Psicologia Cognitiva (Karmiloff-Smith, 1995; Sun, 2002, Ventura *et al*. 2002; Evans, 2008; 2009), podemos afirmar que este novo esboço de conceptualização do problema das relações teoria-prática nos processos de profissionalização pode-se inserir numa problemática teórica interdisciplinar, que parte da seguinte hipótese geral:

> existe uma dualidade entre uma mente que organiza o conhecimento de modo implícito e tácito (que conceptualizamos como relativo ao domínio prático-experiencial de uma actividade) e uma mente que organiza o conhecimento de modo explícito através da formalização de princípios e regras gerais e abstractas (que conceptualizamos como relativo ao domínio simbólico-dedutivo de uma actividade).

Assim, não basta procurar conhecer e perspectivar um uso plural para a teoria social, ainda que se procure a utopia de dissolver fronteiras entre campos sociais, para que as relações entre teoria e prática nas Ciências Sociais tenham uma hipótese completa de análise. Não basta uma explicação da prática do trabalho social ou da prática do trabalho de investigação que as reduza a disposições-esquemas inconscientes e automáticas de pensamento e acção – como seja, por exemplo, as decorrentes do uso do conceito de *habitus científico* ou de *habitus profissional* – para que se possa dar conta da dimensão improvisadora, artesanal e criativa do domínio prático da pesquisa social ou da intervenção social. Também não basta, como procurámos mostrar neste texto, juntar sociólogos e assistentes sociais nas mesmas equipas de trabalho e nelas desenvolver uma cultura de associação entre ciência e profissão para que a articulação entre teoria e prática no trabalho social fique adequadamente perspectivada.

Em conclusão, pensamos que só estaremos em condições de começar a resolver o hiato entre o domínio simbólico de análise (de explicação) da realidade e domínio prático de intervenção (de investigação) em situação (na academia ou fora da academia), se colocarmos a hipótese de que existe uma dualidade de saberes e competências nos dois tipos de uso do conhecimento.

Como temos referido em vários dos trabalhos que têm dado conta da investigação que desenvolvida no grupo ASPTI (Caria, 2010, 2011a, 2011b, 2012b), o desejável ajustamento entre os processos dedutivos de recontextualização e aplicação do conhecimento abstracto e os processos interactivos de construção da intuição profissional não ocorrem espontaneamente ou por simples vontade de o querer fazer. Um melhor domínio simbólico da realidade ou um melhor domínio prático das situações vividas estão em igualdade de circunstâncias para tentar superar o hiato entre o simbólico e o experiencial, mas ambos podem ser mal sucedidos quando querem articular os saberes e as competências que lhes estão associados.

Afirmar, como fizemos atrás, que a associação entre ciência e profissão deve ter um sentido bilateral e ser pensada também como interna à ciência pode ser insuficiente, se ao mesmo tempo não se entrar na discussão das seguintes formulações:

— existe um improviso no domínio prático das situações, que podendo ser regulado pelo *habitus* (científico ou profissional), está aquém de ser adequadamente explicado quando o automatismo do improviso é "quebrado" pela existência de conflitos e tensões latentes (tácitas e implícitas, mas acessíveis à consciência prática) nas expectativas de interacção que (des)naturalizam a realidade (Caria, 2008);
— existem competências e saberes profissionais (fora e dentro da academia) que não dependem da teoria e que por isso não se podem expressar espontaneamente de um modo explícito/verbal através da consciência reflexiva;
— a acumulação de experiência profissional e social competente não gera por si só capacidade de análise social acrescida e a acumulação e validação de conhecimento científico também não gera por si só capacidade acrescida para intervir de modo mais eficaz na realidade social;
— qualquer competência prática (de investigação ou outra) está muito aquém de poder ser transferidas automaticamente durante os processos de profissionalização, mesmo que haja um domínio simbólico-dedutivo que explique a realidade social onde se actua.

Face aos limites e objectivos deste artigo, podemos apenas afirmar que esta discussão implica um debate mais amplo (objectivo que deixaremos para outro trabalho) sobre o conceito de conhecimento profissional, convocando para o

efeito a análise da natureza e do impacto do conhecimento tácito na mestria social, do conceito de intuição e da especificidade da análise situacional (de inspiração fenomenológica e pragmática) na explicação dos saberes.

Referências

ALMEIDA, Ana Nunes (2004), "Ensino e investigação na Sociologia: convergências e divergências múltiplas", in Carlos Gonçalves, Eduardo Rodrigues e Natália Azevedo (orgs), *Sociologia no ensino superior: conteúdos, práticas pedagógicas e investigação*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp.19-34.

BOURDIEU, Pierre (1972), *Esquisse d'une théorie de la pratique (précédé de trois études d'ethnologie kabyle)*. Genève, Paris: Librairie Droz.

BRANDÃO, Ana Maria (2004), "Métodos, práticas pedagógicas e públicos da Sociologia", in Carlos Gonçalves, Eduardo Rodrigues e Natália Azevedo (orgs), *Sociologia no ensino superior: conteúdos, práticas pedagógicas e investigação*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp.11-17.

CARIA, Telmo H. (1999), "A reflexividade e a objectivação do olhar sociológico na investigação etnográfica", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº55, pp. 5-36.

CARIA, Telmo H., (2000), *A Cultura Profissional dos Professores: o uso do conhecimento em contexto de trabalho na conjuntura da reforma educativa dos anos 90*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia [versão corrigida e revista da tese de doutoramento defendida em 1997 na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro].

CARIA, Telmo H. org. (2002a), *Experiência etnográfica em ciências sociais*. Porto: Afrontamento

CARIA, Telmo H. (2002b), "O uso do conhecimento: os professores e os outros", *Análise Social*, nº164, pp.805-831.

CARIA, Telmo H. (2007), "Itinerário de aprendizagens sobre a construção teórica do objecto Saber ". *Etnográfica*, 11 (1), pp. 215-250.

CARIA, Telmo H. (2008), "O uso do conceito de cultura na investigação sobre profissões", *Análise Social*, nº189, pp. 749-773.

CARIA, Telmo H. (2010), "A mobilização de conhecimento em situação de trabalho profissional", in Vera Fartes e Maria Roseli Gomes de Sá (orgs.), *Currículo, formação e saberes profissionais: a revalorização epistemológica da experiência*. Salvador: Editora EDUFBA, pp.126-148.

CARIA, Telmo H. (2011a), "Perspectivar a intervenção social. Reflexões e dados sobre o trabalho profissional e o uso do método etnográfico no terceiro sector", in José Portela, Octávio Sacramento e Pedro Silva (orgs.), Etnografia e Intervenção Social. Lisboa: Colibri, pp.271-296.

CARIA, Telmo H. (2011b), *Conocimiento en el trabajo profesional.* Centro de Estudios y Análisis Sociales de Galiza, CEASGA Working papers, nº3/2011, La Coruna-Espana, http://www.ceasga.org/ceasga-working-papers/

CARIA, Telmo H. (2012a), "O uso do método etnográfico no estudo do trabalho e do conhecimento profissionais", in Leonor Torres & José Palhares (orgs.), *Metodologias Qualitativas da Investigação em Educação e Formação*. Vila Nova de Famalicão: Húmus [no prelo].

CARIA, Telmo H. (2012b), "Poder e conhecimento no trabalho profissional baseado nas Ciências Humanas e Sociais no Terceiro Sector", in Teresa Carvalho, Rui Santiago e Telmo H. Caria (orgs.), *Profissionalismo e Sociedade do Conhecimento: tendências, problemas e perspectivas*. Porto: Afrontamento, pp.59-80.

CARIA, Telmo H.; Biltes, Raquel; César, Filipa (2012), "Saber profissional metodológico na condução de entrevistas em Ciências Sociais", in Fartes, Vera e Caria, Telmo H., *Pensar a educação, o trabalho e o saber profissional*. Bahia: EDUFBA [no prelo].

CARIA, Telmo H. e Silva, Margarida S. (2012), "Extériorité, implication et réflexivité dans l'ethnograpie du travail social: réflexion méthodologique d'un point de vue Portugais", in Stephan Rulac (org.), *La science du travail social. Exploration d'une hypothèse*. Issy-les--Moulineaux: ESF éditeur, pp.87-92.

COLLINS, Harry (2010), *Tacit and explicit knowledge*. Chicago: The University of Chicago Press.

COLLINS, Harry e Evans, Robert (2007), *Rethinking Expertise*. Chicago e Londres: University of Chicago Press.

COSTA, António Firmino (1988), "Cultura profissional dos sociólogos", *Sociologia: problemas e práticas*, nº5, pp.107-124.

COSTA, António Firmino (2004), "Será a Sociologia profissionalizável?", in Carlos Gonçalves, Eduardo Rodrigues e Natália Azevedo (orgs), *Sociologia no ensino superior: conteúdos, práticas pedagógicas e investigação*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp.35--59.

De Fornel, Michel; Louis Quéré (1999), *La logique des situations: nouveaux regards sur l'écologie des activités sociales*. Paris: Éditions de L'École des Hautes Études en Sciences Sociales.

EVANS, Jonathan St. (2008), "Dual-processing accounts of reasoning, judgement, and social cognition", *Annual Review of Psichology*, nº59, pp.255-278.

EVANS, Jonathan St. (2009), *In two minds: dual processes and beyond*. Nova Iorque, Oxford: Oxford University Press.

FORTUNA, Carlos (2004), "Trabalho sociológico", in Carlos Gonçalves, Eduardo Rodrigues e Natália Azevedo (orgs), *Sociologia no ensino superior: conteúdos, práticas pedagógicas e investigação*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp.95-102.

FREIRE João (2008), *Economia e Sociedade. Contributos para uma sociologia da vida económica em Portugal na viragem do século*. Oeiras: Celta.

GEERTZ, Clifford (2001), *Nova luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar editores.

GOODY, Jack (1988, 1977), *A domesticação do pensamento selvagem*. Lisboa: Presença.

KARMILOFF-SMITH, Annette (1995), *Beyond modularity. A development perspective on cognitive science*. Massachusetts, Londres: The MIT Press.

MACHADO, Fernando Luís (1996), "Profissionalização dos sociólogos em Portugal: contextos, recomposições e implicações", *Sociologia, problemas e práticas*, nº20, pp.43--104.

MADUREIRA Pinto, José (1984), "Questões de metodologia sociológica I", *Cadernos de Ciências Sociais*, nº 1, pp. 5-42.

MADUREIRA Pinto, José (1985a), "Questões de metodologia sociológica II", *Cadernos de Ciências Sociais*, nº 2, pp. 11-40.

MADUREIRA Pinto, José (1985b), "Questões de metodologia sociológica III", *Cadernos de Ciências Sociais*, nº 3, pp. 133-156.

MADUREIRA Pinto, José (2007), *Indagação científica, aprendizagens escolares, reflexividade social*. Porto: Afrontamento.

NUNES, João Arriscado (2001), "Teoria crítica, cultura e ciência : os espaço do conhecimento da globalização", in Boaventura Sousa Santos (org.), *Globalização: fatalidade ou utopia?* Porto: Afrontamento, pp.299-338.

NUNES, João Sedas (1999), "Desencontros: a propósito do sentido de que a Sociologia não faz", in AAVV, *A Sociologia e o Ensino Secundário*. Oeiras: Celta/APS, pp.99-116.

OLSON, David (1994), *The world on paper.* Nova Iorque, Melbourne: Cambridge University Press.

PERRENOUD, Philippe (2001), *Porquê construir competências a partir da Escola?* Porto, ASA.

PIRIOU, Odile (2006), *La face cachée de la Sociologie. À la decouverte des sociologues praticiens*. Paris: Belin.

POLANYI, Michael (2009, 1966), *The tacit dimension*. Chicago, Londres: The University of Chicago Press.

RUIVO, Manuel Seca (1987), "O sociólogo na gestão da empresa", *Sociologia, problemas e práticas*, n.º 2, pp.91-115.

SANTOS, Boaventura Sousa (1989), *Introdução a uma Ciência Pós-moderna*. Porto: Afrontamento.

SANTOS, Boaventura Sousa (1999), "Porque é tão difícil construir uma teoria crítica?", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº54, pp.197-215.

SCHUTZ, Alfred; Luckman, Thomas (2003, 1973), *Las estruturas del mundo de la vida*. Buenos Aires: Amorrortu.

SILVA, Augusto Santos (1987), "O sociólogo como técnico e agente de desenvolvimento", *Sociologia, problemas e práticas*, nº3, pp.67-71.

SILVA, Augusto Santos (2006), *A Sociologia e o debate público: estudos sobre a relação entre conhecer e agir*. Porto: Afrontamento.

SUN, Ron (2002), *Duality of Mind. A bottom up approach toward cognition*. New Jersey, Londres: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

TURNER, Stephen (2007), "Social theory as a cogntive neurocience", *European Journal of Social Theory*, 10(3), pp. 357-374.

VENTURA, Paulo, Brito-Mendes, Carlos, Morais, José & Kolinsky, Régine (2002), *A organização da memória semântica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia.

VYGOSTY, Lev S. (1987), *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.